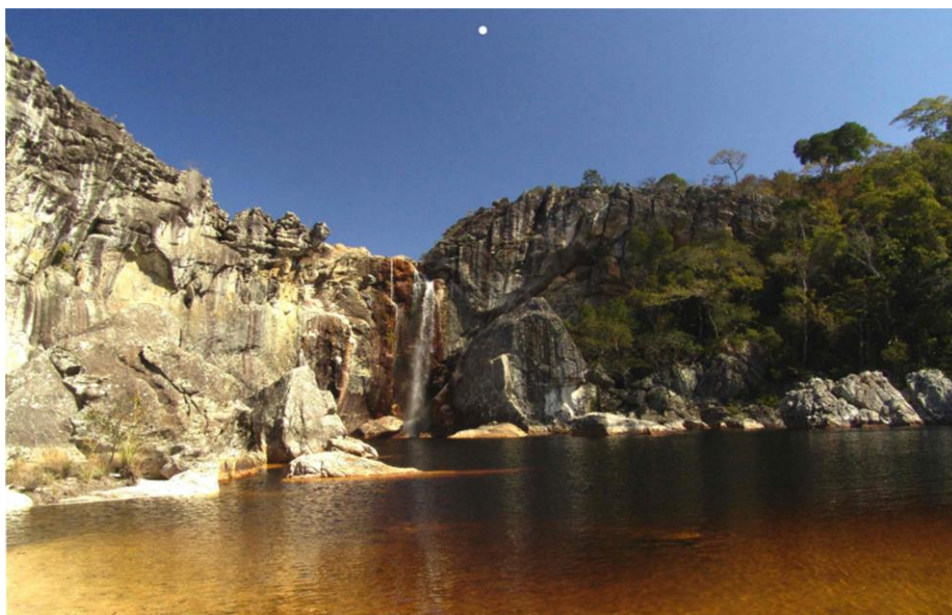


COLEÇÃO CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS

CALENDÁRIO EDUCATIVO PARQUE ESTADUAL DO RIO PRETO

Material didático/instrucional



Mônica Ferreira de Britto Lyra

Maíra Figueiredo Goulart

*Mestrado Profissional em
Educação em Ciências,
Matemática e Tecnologia*





UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Reitor Heron Laiber Bonadiman

Vice-Reitor Flaviana Tavares

APOIO



Mônica Ferreira de Britto Lyra
Maira Figueiredo Goulart

PRODUTO EDUCACIONAL:

Material didático/instrucional

CALENDÁRIO EDUCATIVO PARQUE ESTADUAL DO RIO PRETO

Produto Educacional apresentado como requisito à obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação em Ciências Matemática e Tecnologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, campus Diamantina. Aprovado em banca de defesa de mestrado no dia 29/fev./2024, pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Máira Figueiredo Goulart / UFVJM

Profa. Dra. Luciana Resende Allain / UFVJM

Profa. Dra. Alessandra Gomes Brandão / UEPB

Prof. Dr. Marcelino Santos de Moraes / UFVJM

1ª Edição

**UFVJM
Diamantina, MG
2024**



O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.
Permitida a reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte.

Editoração eletrônica e projeto gráfico/capa:

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia

Catálogo na fonte - Sisbi/UFVJM

L992p Lyra, Mônica Ferreira de Britto
2024 Produto Educacional [manuscrito] : Calendário Educativo
Parque Estadual do Rio Preto, 2024-2025 / Mônica Ferreira de
Britto Lyra. -- Diamantina, 2024.
35 p. : il.

Orientadora: Prof.^a Máira Figueiredo Goulart.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação em
Ciências, Matemática e Tecnologia) -- Universidade Federal
dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Pós-
Graduação em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia,
Diamantina, 2024.

1. Educação Ambiental. 2. Divulgação Científica. 3.
Popularização da Ciência. 4. Serra do Espinhaço. I. Goulart,
Máira Figueiredo. II. Universidade Federal dos Vales do
Jequitinhonha e Mucuri. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFVJM com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Este produto é resultado do trabalho conjunto entre o bibliotecário Rodrigo Martins Cruz/CRB6-
2886
e a equipe do setor Portal/Diretoria de Comunicação Social da UFVJM

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	1
O CALENDÁRIO EDUCATIVO PARQUE ESTADUAL DO RIO PRETO.....	2

APRESENTAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Este material, apresentado como Produto Educacional (PE), é parte integrante da pesquisa “Educação Ambiental e Popularização da Ciência: um Estudo das Percepções de Moradores e Pesquisadores do Parque Estadual do Rio Preto, Minas Gerais”, desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Educação em Ciências Matemática e Tecnologia, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, sob orientação da Professora Doutora Maíra Figueiredo Goulart.

Este Produto Educacional, enviado para a banca de defesa em fevereiro de 2024, ainda necessita de complementações e diagramação para a finalização e divulgação. Consiste em um Calendário Educativo, cujo objetivo é uma contribuição inicial para o desenvolvimento da Educação Ambiental e a Popularização da Ciência ligadas ao PELD Turfeiras, na região do Parque Estadual do Rio Preto (PERP).

O público-alvo é, principalmente, os moradores da região do PERP, mas também inclui o público em geral. As características deste Produto Educacional estão sistematizadas no Quadro 1 abaixo.

Quadro 1. Caracterização do Produto Educacional.

CRITÉRIO	CARACTERIZAÇÃO
Linha de Pesquisa	Ensino e Aprendizagem em Educação em Ciências e Matemática.
Tipo	Protótipo.
Subtipo	Material Didático ou Instrucional (PTT 01).
Impacto	Possivelmente médio ou alto, pois será transferido para algum setor da sociedade além do programa de mestrado.
Caráter Inovador	Médio teor inovador.
Possibilidade de ser replicável	Sim, com as adaptações necessárias o calendário pode ser replicado.
Abrangência	Local.
Validação	Em segunda instância (banca de defesa).
Local disponível	https://heyzine.com/flip-book/b2585d4e6e.html

Fonte: Autoria própria (2024).

O CALENDÁRIO EDUCATIVO PARQUE ESTADUAL DO RIO PRETO

Este calendário educativo visa contribuir e valorizar os conhecimentos populares e científicos percebidos durante a jornada de pesquisa que entrevistou moradores do entorno do Parque e pesquisadores que atuam na unidade de conservação. Optou-se por um calendário educativo pelas possibilidades que esse formato oportuniza, isto é, ao longo de um ano ele estará exposto nas casas das pessoas, permitindo o contato diário com as informações aqui contidas. Para cada mês há um tema que surgiu nas entrevistas, com fotos e um texto sobre o assunto. Buscou-se destacar falas e o sentimento de pertencimento local, valorizando os conhecimentos populares tão ricos que emergiram durante a pesquisa.

No ano de 2012, Salomão, Azevedo e Goulart desenvolveram uma pesquisa sobre a percepção da natureza nas comunidades vizinhas ao PERP para a promoção da Educação Ambiental. Como resultado os autores elaboraram um calendário educativo sobre essas percepções e a conservação da natureza. À época o calendário foi muito bem recebido e gerou resultados satisfatórios. Agora o presente calendário é o produto de uma pesquisa mais aprofundada e recente na região embasando a sua produção.

O calendário inicia-se no mês de julho de 2024 e vai até junho de 2025, isso se deve a necessidade de um tempo hábil para finalização do produto, impressão e distribuição na comunidade. A distribuição dos calendários impressos será na Semana do Meio Ambiente, que ocorrerá entre os dias 5 de junho a 9 de junho de 2024. Nessa semana é comemorado o aniversário do Parque Estadual do Rio Preto e ocorre um evento, uma parceria entre prefeitura e Parque, que mobiliza a cidade e tem diversas ações voltadas para o meio ambiente. Portanto, optamos para que a entrega do calendário seja uma ação nesse evento, possibilitando que este mestrado tenha continuidade e resulte em outras ações.

Entendemos a complexidade que envolve a construção de ações de Educação Ambiental na sua vertente Crítica. Construir um produto educacional verdadeiramente crítico e transformador é um desafio, perceptível pelos poucos trabalhos de EA crítica em unidades de conservação disponíveis na literatura. Mas entendemos que um primeiro passo precisa ser dado nas ações com as comunidades. Optamos por fazer um produto educacional mais dialógico, valorizando as falas, saberes e temas sugeridos pelos entrevistados, principalmente pelos moradores. Compreendendo que outras ações devem e serão realizadas, esse é o início de um processo.

A pesquisa, da qual este produto é fruto, faz parte de um projeto que envolve diversas áreas, atores e pesquisadores de instituições nacionais e internacionais, intitulado PELD Turfeiras (Pesquisa Ecológica de Longa Duração “Turfeiras da Serra do Espinhaço Meridional: serviços ecossistêmicos e biodiversidade”) aprovado pela Chamada CNPq/MCTI/CONFAP-FAPS/PELD nº 21/2020. Esse programa de pesquisa possui verbas específicas para a produção de materiais, diagramação, impressão, dentre outros, que serão usadas na produção deste calendário.

Abaixo segue a versão do Calendário Educativo Parque Estadual do Rio Preto, que também pode ser acessado no link: <https://heyzine.com/flip-book/b2585d4e6e.html>.



Calendário Educativo

Parque Estadual do Rio Preto

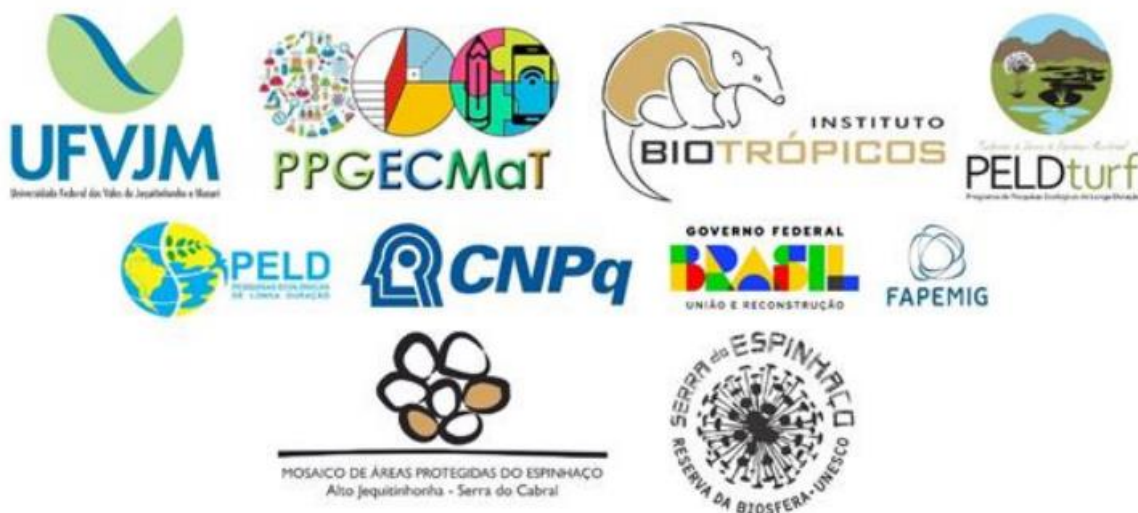
2024-2025

Calendário Educativo

Parque Estadual do Rio Preto

2024-2025

Mônica Ferreira de Britto Lyra, Samara Cristina Amorim Leite, Juliana Ferreira Mendes, Maíra Figueiredo Goulart e Alexsander Araújo Azevedo



A elaboração deste guia teve o apoio financeiro do Programa de Pesquisa Ecológica de Longa Duração - CNPq (processo 441335/2020-9) e da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (processo APQ-03364-21).



Apresentação

Este calendário é fruto de um diálogo entre o conhecimento científico e o conhecimento popular, iniciado na região do Parque Estadual do Rio Preto. Durante os depoimentos surgiram temas relevantes e de importância socioambiental. Ao longo de cada mês um desses temas é abordado, relacionando o saber local com o científico.

Autores

Mônica Ferreira de Britto Lyra

Samara Cristina Amorim Leite

Juliana Ferreira Mendes

Maíra Figueiredo Goulart

Alexsander Araújo Azevedo



A Marujada em São Gonçalo do Rio Preto. Fotografia de Circuito dos Diamantes.

julho

2024

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

JULHO 2024

São Gonçalo do Rio Preto

A Serra do Espinhaço em Minas Gerais, um conjunto de montanhas que se estende de norte a sul, apresenta uma natureza exuberante que em tempos remotos foi o lar de povos indígenas e, posteriormente, abrigou colonos em busca de riquezas minerais. Nesta época, por volta do século XVIII, vilas foram fundadas, entre elas, a que seria mais tarde o município de São Gonçalo do Rio Preto.

São Gonçalo do Rio Preto “**é puro aconchego!**” A cidade fica às margens do rio de mesmo nome, em um vale fértil cercado por majestosas serras. Em uma região de transição entre a Mata Atlântica e o Cerrado, a natureza foi a provedora das famílias que até a geração passada viviam quase exclusivamente “**do que o mato dava**”. E esse mato deu muito: caça, pesca, frutos, pastagem natural, madeira, lenha.... Hoje em dia o cenário já não é o mesmo, os moradores vivem da agricultura, agropecuária e do turismo. Mas essas atividades dependem diretamente do solo fértil, água em abundância, clima ameno e atrativos naturais, ou seja, passados mais de 200 anos desde o estabelecimento do povoado, ainda é a natureza que provém o sustento dos São-gonçalenses.

Também mudou a vida da população a chegada do Parque Estadual do Rio Preto em 1994, que hoje ocupa um terço do território do município. O que primeiramente levou a um êxodo dos habitantes da zona rural pela impossibilidade de seguir com o modo de vida extrativista tradicional, posteriormente, atraiu muitas pessoas de fora que estabeleceram casas de campo e empreendimentos turísticos no local.

Tudo isso faz com que a vida já não seja mais a mesma na pacata São Gonçalo do Rio Preto, o que causa desgosto em alguns moradores, especialmente os mais velhos, pois vêem ameaçado o modo de vida tradicional. Porém, por outro lado, muita gente diz que a vida melhorou pois hoje há oportunidade de emprego. O problema é que, nas palavras de uma moradora: “**para quem tá acostumado com pouco, qualquer tiquinho ajuda**”, e os São-gonçalenses merecem mais que oportunidades esparsas! O desafio é grande, mas precisa haver mobilização para efetivação de políticas públicas que de fato zelem pelo bem-estar e pela participação mais direta dos moradores dos benefícios advindos do Parque.



Paisagem da Serra do Espinhaço. Fotografia de Guilherme Ferreira (PELD Turfeiras).

agosto

2024

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

AGOSTO 2024

A Serra do Espinhaço

A Serra do Espinhaço, cenário esplendoroso de São Gonçalo do Rio Preto, é muito antiga e traz consigo a história de tempos muito remotos da Terra. As rochas que compõem a Serra foram formadas no fundo de um oceano pré-histórico, há mais de 1 bilhão de anos. Posteriormente, quando esse oceano já não existia mais, movimentos das placas tectônicas do Planeta fizeram surgir a cordilheira. A principal rocha que compõe a Serra é o quartzito que está sujeita aos desgastes naturais provocados pelo passar do tempo, pelo clima e pelos rios. Com isso, o Espinhaço é cheio de escarpas, picos, vales profundos, feições que se alternam de forma que o relevo se assemelha à espinha dorsal de um grande animal, daí o “espinhaço”.

A Serra do Espinhaço se estende por mais de 1000 km, desde o centro-sul de Minas Gerais até a Bahia, é tida como a mais extensa cordilheira do Brasil. Do lado leste, recebe maior quantidade de chuva que vem do oceano Atlântico, por lá a Mata Atlântica domina a paisagem. O lado oeste é marcado pela maior aridez do sertão, onde o Cerrado prevalece. Bem no alto da Serra estão os campos rupestres, verdadeiros jardins que crescem em meio à rocha, com plantas belas, únicas e resistentes.

Em São Gonçalo do Rio Preto, na cumieira da Serra do Espinhaço está a Chapada do Couto, onde o horizonte é marcado pelo Pico Dois Irmãos e onde nasce o Rio Preto. A Chapada do Couto é onde antigamente as pessoas soltavam gado, colhiam sempre-vivas e faziam garimpo. As famílias se mudavam para lá em certas épocas do ano e viviam provisoriamente em abrigos de rochas, as lapas. Entre um uso extrativista tradicional - de comunidades quilombolas e de apanhadores de flores - e um uso não tão tradicional assim e bem mais intensivo - de boiadeiros da região, a natureza na Chapada se modificou com o tempo. Nas últimas décadas, o uso do território foi mudado por leis ambientais e pela implantação do Parque Estadual do Rio Preto, que abrange uma parte da área da Chapada do Couto. A necessidade de aumentar as regras de proteção dessa porção tão importante da Serra do Espinhaço é que nela estão espécies únicas, raras e ameaçadas, além de importantes mananciais que alimentam os rios da região.



Cachoeira do Criolo, no Rio Preto. Fotografia de Máira Goulart

setembro

2024

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

SETEMBRO 2024

O Rio Preto

A Serra do Espinhaço abriga muitas nascentes de água e é o berço de importantes rios do leste brasileiro, entre eles o Rio Doce, o Rio das Velhas e o Rio Jequitinhonha.

O Rio Preto nasce em São Gonçalo do Rio Preto, no alto das serras que compõem a chamada Chapada do Couto, que em parte está no interior do Parque Estadual do Rio Preto. O Rio Preto desce a serra encachoeirado e, quando o relevo já está mais plano, forma remansos e poços profundos. A rocha que forma o seu leito e suas margens vai sendo aos poucos desgastada dando origem a uma areia branquinha que forma praias para o deleite dos moradores e dos visitantes. O Rio Preto é um dos poucos cursos d'água perenes da região e, como bem lembrado pelos moradores: ***“tudo que a gente vai falar da natureza aqui na região tá ligada ao Rio Preto de alguma forma”***.

Depois de banhar todo o município, o Rio Preto deságua no Rio Araçuaí que, por sua vez, chegará ao Rio Jequitinhonha, cujo curso segue pelo semiárido mineiro até seu encontro com o mar na Bahia. A bacia hidrográfica do Jequitinhonha se estende por mais de 90 municípios e abastece uma população estimada de 1,5 milhão de pessoas.

O Vale do Jequitinhonha convive há décadas com o estigma de “vale da pobreza” uma qualificação, no entanto, bastante questionável... Há uma visão preconceituosa de que o modo de vida das populações do Vale é atrasado, precário e carente, mas isso só porque não é compatível com a racionalidade urbana, tida como moderna. A disseminação dessa visão, infelizmente, abriu portas para projetos desenvolvimentistas que trouxeram poucos empregos e que tomaram muita terra dos moradores originais.

É preciso conter estes projetos e valorizar a incrível riqueza cultural do Vale do Jequitinhonha que, para ser mantida, antes de mais nada, precisa da sobrevivência do próprio Rio. Embora o Rio Jequitinhonha seja declarado como monumento natural e protegido pela Constituição do Estado de Minas Gerais desde 1989, sua situação não é nada favorável. O Rio Jequitinhonha sofre com mineração, assoreamento, poluição e com o desmatamento e ocupação irregular das suas margens, impactos que já começam lá na sua nascente e nos seus tributários, inclusive o Rio Preto.

Esses tributários são muito importantes por abastecerem o Rio Jequitinhonha com suas águas e também por abrigar grande riqueza de espécies nativas. O peixe piabanha é uma das espécies exclusivamente encontrada na bacia hidrográfica do Jequitinhonha e que encontra no Rio Preto, especialmente no Parque Estadual do Rio Preto, o seu refúgio. Setembro é mês de piracema... fique de olho: cardumes sobem as corredeiras para desovar nos riachos que são os berçários do Jequitinhonha!



Turfeiras na Chapada do Couto. Fotografia do Acervo do PELD Turfeiras.

outubro

2024

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

OUTUBRO 2024

As Nascentes e Turfeiras

As nascentes do Rio Preto e de diversos outros rios da região estão em ambientes muito importantes, únicos e bastante sensíveis, que os pesquisadores chamam de turfeiras e os moradores chamam de cabeça d'água ou olho d'água. Essas nascentes ocorrem nas partes mais altas da Serra do Espinhaço, são ambientes campestres e brejosos com eventuais capões de mata, nos quais o solo denso e de coloração preta concentra muita matéria orgânica, ou seja, grande quantidade de plantas mortas e eventualmente até corpos de animais de um passado remoto que, por causa de características químicas e físicas peculiares desses ambientes, não se decompuseram totalmente.

Essa matéria orgânica forma um solo esponjoso que absorve grande quantidade de água na época de chuva. Para se ter uma ideia, cada grama de solo chega a armazenar 13 gramas de água, fazendo com que cerca de 90% do volume das turfeiras corresponda a água. A enorme quantidade de água armazenada nesse ambiente ácido e orgânico adquire a coloração escura que lhe é peculiar e que, inclusive, dá nome a rios da região como o próprio Rio Preto, mas também o Rio Vermelho, o Rio Pardo e o Rio Paraúna – palavra que significa “rio de águas escuras”, em Tupi.

Para além da coloração típica, as turfeiras contribuem com os rios tornando-os perenes, pois são verdadeiras caixas d'água que liberam seu armazenamento de forma gradativa durante os meses secos, regulando a vazão mesmo quando as chuvas são escassas.

Outra importância das turfeiras é o armazenamento de carbono. Caso a matéria orgânica retida nas turfeiras sofresse o processo de decomposição convencional, grande quantidade desse elemento químico seria despejado na atmosfera, contribuindo para o agravamento do efeito estufa e a consequente mudança climática. Ao reter a matéria orgânica e, portanto, o carbono, as turfeiras desempenham importante papel na regulação climática do planeta. Papel muito importante, mas muito ameaçado, sobretudo por queimadas. O fogo tem um efeito terrível nesses ecossistemas, pois libera o carbono para a atmosfera e inviabiliza o armazenamento da água.

Por fim, cabe chamar atenção para o fato de que os ambientes de turfeiras são também importantes por guardar registros de um passado remoto. Ao dificultar a decomposição da matéria orgânica, os ecossistemas de turfeiras promovem a fossilização de animais, plantas e, sobretudo, de grãos de pólen. O estudo da composição e abundância desses últimos nos ajuda a saber como foi a vegetação e o clima nesses locais em tempos remotos.



Turfeiras queimadas na Chapada do Couto. Fotografia do Acervo do PELD Turfeiras.

novembro

2024

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

NOVEMBRO 2024

Ameaças e Conversação das Turfeiras

Os moradores de São Gonçalo do Rio Preto sabem que **“o Rio é importante sim, mas não pode esquecer das nascentes que abastecem o Rio”**. Eles contam que o pastoreio do gado e a prática de colocar fogo no campo destrói as nascentes.

De fato, pesquisas na região mostram que as nascentes em turfeiras bem preservadas como as que estão no interior do Parque Estadual do Rio Preto chegam a drenar, proporcionalmente, até cinco vezes mais água que outras turfeiras da mesma região que estão sujeitas ao pastoreio, fogo e outros usos humanos. Preocupa alguns moradores o fato de que o que está dentro do Parque **“é o mínimo, a maioria das nascentes está pra fora, tá tudo sem preservação ali e é um lugar que não deveria ter gado nunca”**.

Por isso, desde 2015, há um projeto de lei em tramitação na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (PL 3062/2015), que busca declarar como área de preservação permanente e de interesse comum, as turfeiras da Serra do Espinhaço. Este projeto de lei tem a intenção de “proibir nas turfeiras e nas áreas próximas em extensão de 500 metros, drenagem, aterros, desmatamentos, uso de fogo, caça, pesca, atividades agrícolas e industriais, loteamentos e outras formas de ocupação humana que possam causar desequilíbrios ao ecossistema”. Nesse mesmo contexto, há também uma proposta de alteração na Política Florestal do Estado (Lei nº 20.922, de 16/10/2013) para reconhecer como área de preservação permanente as áreas de turfeiras e seu entorno, num raio de 500 metros.

Conheça mais, divulgue e opine em <https://www.almg.gov.br/projetos-de-lei/PL/3062/2015>.



Flor de Pequi. Fotografia de Correio Brasiliense.

dezembro

2024

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

DEZEMBRO 2024

O Cerrado

O Cerrado é o bioma brasileiro que ocupa boa parte do Brasil central e todo o oeste de Minas Gerais. A vegetação é tipicamente composta por gramíneas e arbustos entremeados por árvores de troncos retorcidos. Dependendo da densidade de cada um desses componentes da vegetação, o bioma Cerrado pode se manifestar como áreas campestres, savanas ou até mesmo florestas, tendo em comum o fato da vegetação se desenvolver onde o clima é marcado anualmente por uma estação seca e outra chuvosa.

No Brasil é difundida uma percepção preconceituosa de que o Cerrado é um ambiente seco e pobre, uma narrativa historicamente propagada por um projeto desenvolvimentista como uma forma de justificar o desmatamento para a expansão agrícola no bioma. Essa percepção equivocada incomoda os moradores do Cerrado, incluindo os São-gonçalenses que contestam: ***“muitas pessoas falam que o Cerrado é uma área improdutiva, não sei o quê... Mas o Cerrado fornece muita coisa pra gente!”***.

Entre as muitas coisas que o Cerrado fornece, vamos destacar aqui o Pequi, pois ouvimos de uma moradora de São Gonçalo do Rio Preto: ***“o Pequi salvou a minha família!”*** Ela contou que junto com outras mulheres, costumava ir de madrugada para as áreas de vegetação nativa do Cerrado e, durante três dias, colhia e juntava os frutos do Pequizeiro. No quarto dia, descascava os frutos e os colocava em balaies que eram então levados no final da semana para a cidade para serem vendidos ou trocados. Por seu valor nutricional, sua versatilidade culinária e, sobretudo, sua sustentabilidade alimentar, o Pequi desempenha um papel fundamental na alimentação, na cultura e na economia de comunidades que vivem no Cerrado e do Cerrado.

O Pequizeiro é uma árvore frutífera que ocorre apenas no bioma, por isso dizemos que é uma espécie endêmica do Cerrado. Embora ainda seja abundante, há risco de sua extinção devido ao contínuo desmatamento da vegetação nativa. Por isso, em Minas Gerais, há uma lei que torna o Pequizeiro imune ao corte, devido ao interesse comum da sociedade (Lei nº 10.883, de 2/10/1992, alterada pela Lei nº 20.308, de 27/07/2012).

Uma peculiaridade da biologia do Pequizeiro é que suas flores estão ativas durante a noite, produzem odor forte e uma grande quantidade de néctar que atraem morcegos que atuam como polinizadores da espécie. Agradeça ao morcego da próxima vez que se deliciar com um prato de arroz com Pequi! E aproveite, pois é fim de ano... época de Pequi perfumar as cozinhas dos povoados... Mas, ao consumir o Pequi, é bom lembrar: essa palavra indígena significa casca espinhenta e, de fato, os espinhos que envolvem a semente são uma ameaça para os desavisados e inexperientes.



Paisagem de Campo Rupestre. Fotografia de Tiago Fernandes (PELD Turfeiras).

janeiro

2025

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

JANEIRO 2025

Os Campos Rupestres

Os chamados campos rupestres são um tipo de vegetação do bioma Cerrado, talvez o tipo mais antigo e ancestral de todos os outros, segundo pesquisas recentes. Os campos rupestres representam ecossistemas muito singulares que dominam a paisagem do alto das serras, geralmente acima de 900 metros de altitude, em meio aos afloramentos rochosos que compõem o Espinhaço.

Nesses ambientes, a vida é adaptada a condições extremas e muito adversas tais como solos rasos, alta incidência solar, grande amplitude térmica e desidratação excessiva. Somando-se ao tempo remoto do surgimento da cordilheira do Espinhaço (estimado em 1 bilhão de anos), a região reúne os ingredientes perfeitos para a evolução de uma enorme diversidade de espécies, muitas delas endêmicas, ou seja, que não existem em nenhum outro lugar do mundo!

Os Campos Rupestres abrigam surpreendentemente 15% de toda a diversidade da flora brasileira, sendo mais de 40% espécies endêmicas, tais como muitos representantes das famosas sempre-vivas e canelas-de-ema, além de orquídeas, bromélias, e tantos outros grupos de plantas marcantes regionalmente.



Fogo no Cerrado. Fotografia de Wilson Pedrosa.

fevereiro

2025

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	1

FEVEREIRO 2025

O Fogo

Queimadas no Cerrado é tema complexo e cheio de controvérsias. Na região, o hábito de fazer queimada faz parte da relação das pessoas com a terra: **“para plantar, tem primeiro que roçar o mato e em seguida botar fogo”**. O fogo é também usado para renovar os campos e favorecer a criação de gado. Os moradores dizem que os mais antigos sabiam que a época certa de colocar o fogo é logo após as primeiras chuvas da estação, assim a umidade protegia as áreas mais florestadas enquanto o fogo varria os campos. Os moradores também contam que o fogo renova o Cerrado e favorece, inclusive, a produção de frutos.

De fato, pesquisas confirmam que muitas espécies da flora do Cerrado se beneficiam do fogo em seu processo reprodutivo, mas tais benefícios são advindos das queimadas tidas como naturais, que são causadas por raios nos períodos de chuva e que, portanto, ocorrem apenas raramente e não atingem grandes proporções. De certa forma, a prática de fogo dos moradores mais antigos se aproxima dos processos naturais, o problema é que, hoje em dia, parece que **“o povo não raciocina muito não, vai entrando no meio do mato e botando fogo em tudo em plena seca”**. Quando o fogo é colocado na estação seca, pode gerar incêndios de enormes proporções, o que não é nada benéfico para a natureza. Embora algumas plantas rebrotem e até floresçam depois de passar o fogo, com o tempo muitas espécies não resistem, a vegetação vai se modificando, as nascentes de água ficam cada vez mais secas, o solo desgastado e os animais são bastante prejudicados.

Se o fogo com intensidade é prejudicial, os moradores sabem também que ausência de fogo pode ser perigosa para a natureza, pois quando passa muito tempo sem haver queimada **“vai só amontoando combustível, no dia que pega fogo mata muita coisa”**. Isso foi reconhecido pelos pesquisadores e governantes que recentemente iniciaram a prática do chamado Manejo Integrado do Fogo, apelidado MIF. Por meio deste manejo, queimas controladas são feitas em épocas do ano com maior umidade para reduzir a matéria orgânica seca acumulada e assim evitar que grandes incêndios se propaguem nas épocas mais secas do ano. O MIF associa aspectos ecológicos, culturais, socioeconômicos e técnicos na execução, na integração, no monitoramento, na avaliação e na adaptação de ações relacionadas ao uso do fogo.



Paisagem do Cerrado. Fotografia de Guilherme Ferreira (PELD Turfeiras).

março

2025

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

MARÇO 2025

O Parque Estadual do Rio Preto

O Rio Preto está no nome de São Gonçalo e, para além disso, está também nas suas tradições e costumes, bem como na economia, na subsistência e no lazer dos moradores. Por isso, desde 1988, existe uma Lei Municipal que o declara Patrimônio Ecológico e Paisagístico e que, posteriormente em 1991, foi reforçada por uma Portaria Estadual que o declarou Rio de Preservação Permanente. Para proteger as nascentes do Rio Preto houve uma mobilização que resultou na criação do Parque Estadual do Rio Preto em 1994 e que em 2005 foi ampliado para pouco mais de 12 mil hectares, o que corresponde a um terço do território do município.

Parques são uma categoria de unidades de conservação, isto é, áreas destinadas pelo poder público à conservação da natureza. No caso do Parque Estadual do Rio Preto, além de preservar as nascentes e as riquezas naturais, há o objetivo de proporcionar a realização de pesquisas científicas, atividades educativas e turísticas. Suas belezas naturais como a paisagem de Cerrado em meio às serras com cachoeiras, sua biodiversidade exuberante e os registros históricos e arqueológicos, fazem deste Parque um dos mais belos e visitados de Minas Gerais e que também desponta no cenário de pesquisas, havendo mais de 200 projetos registrados no local, principalmente sobre a flora e fauna nativas.

O Parque trouxe melhoria da economia local e, principalmente, assegurou a manutenção de serviços ecossistêmicos essenciais, isto é: benefícios gerados por um ambiente conservado que refletem diretamente na qualidade de vida das pessoas. No caso do Parque, o principal serviço ecossistêmico está relacionado a manutenção das águas do Rio Preto, por isso alguns moradores dizem: “**a coisa melhor que já aconteceu na nossa região foi esse Parque, foi no lugar certo**” e “**se não fosse pelo Parque o Rio já teria até secado**”.

No entanto, o Parque não traz só coisas boas e seu impacto na vida dos moradores não pode ser negado. O território que hoje é o Parque, antigamente era usado pelas pessoas como pasto natural para soltura de gado e para colheita de plantas, o que já não é mais permitido. O mais difícil é que a proibição veio de forma abrupta, sem uma explicação clara sobre seus motivos e sem que medidas alternativas fossem propostas, o que resultou na insatisfação de muitos, principalmente dos mais velhos que viram seu modo de vida extrativista tradicional ameaçado.

Tudo isso reforça a necessidade de mobilização para maior participação dos moradores para efetivação de políticas públicas que de fato zelem pelo seu bem-estar e pela participação mais direta dos benefícios advindos do Parque.



Beija-flor de Gravatinha. Fotografia de Rone Carvalho (PELD Turfeiras).

abril

2025

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

ABRIL 2025

Os cientistas de antigamente

Os moradores de São Gonçalo do Rio Preto têm grande conhecimento das espécies da fauna e da flora do Cerrado, e uma relação histórica de subsistência com elas, que os fizeram saber os hábitos e habitats dos animais, ciclos de floração e frutificação das plantas e formas de manejo. Esse é um rico conhecimento popular, adquirido pela observação da natureza e pela interação entre as pessoas desde os mais remotos tempos.

Mas também é antigo o estabelecimento do conhecimento científico na região de São Gonçalo do Rio Preto, assim como no Vale do Jequitinhonha e na Serra do Espinhaço como um todo. Os primeiros pesquisadores que investigaram a natureza foram os chamados “naturalistas”, estrangeiros que já nos anos 1800 por aqui passaram e se surpreenderam com a paisagem e com a diversidade de espécies. A forma de se fazer ciência naquela época era uma verdadeira obra de arte composta por escritos poéticos e desenhos minuciosos que descreviam a paisagem e as especificidades das plantas e animais. Veja, por exemplo:

“Quase parece que a natureza escolheu para a região originária dessas pedras preciosas os mais esplêndidos campos e o guarneceu com as mais lindas flores. Tudo que até agora havíamos visto de mais belo e soberbo em paisagens, parecia incomparavelmente inferior diante do encanto que se oferecia aos nossos olhos admirados. Todo o Distrito Diamantino parece um jardim artisticamente plantado, a cuja alternativa de românticos cenários alpestres, de montes e vales, se aliam mimosas paisagens de ficção idílica”.

Esta é uma passagem do diário de Martius e Spix, uma dupla de alemães que percorrem a região em 1818, interessados na botânica e na zoologia, respectivamente. Eles fazem referência ao Distrito Diamantino, nome dado à região no Brasil Colônia do século XVIII, numa referência à demarcação da área onde se fazia extração de diamantes para facilitar a cobrança de tributos e fiscalização pela Coroa Portuguesa. O centro das decisões burocráticas do Distrito Diamantino era o então Arraial do Tijuco, hoje Diamantina, que se localiza a 50km de São Gonçalo do Rio Preto.



Sempre-viva e Joaninhas. Fotografia de Fabiane Costa (PELD Turfeiras).

maio

2025

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

MAIO 2025

As Pesquisas Científicas da atualidade

A Serra do Espinhaço é hoje reconhecida como uma das regiões de maior biodiversidade do mundo! Biodiversidade que não para de ser contabilizada, pois novas espécies até então desconhecidas ainda são descritas pelos pesquisadores.

Esse é o caso das espécies de sempre-vivas, plantas secas que se mantêm vistosas mesmo depois de colhidas e que são usadas no artesanato, gerando uma importante fonte de renda para as famílias da região. Recentemente, duas novas espécies de sempre-vivas foram descritas na região Chapada do Couto e outras quatro espécies raríssimas para as quais não havia qualquer registro há décadas, foram reencontradas nesse mesmo local.

Para reconhecer e descrever as espécies de plantas, elas são colhidas, prensadas e secas. São então mantidas preservadas em coleções denominadas herbários, que ficam em universidades e centros de pesquisa. Esta é, essencialmente, a mesma técnica de preservação das plantas usada desde os naturalistas no século XIX, cujos espécimes colhidos ainda podem ser estudados pelos pesquisadores da atualidade. Ao analisar detalhes de diferentes partes dessas plantas é possível dizer quando se trata de um achado inédito.

A descoberta de novas espécies tem grande importância, pois nos ajuda a conhecer a biodiversidade e a história da vida na Terra. Além disso, nos permite mapear ameaças e propor estratégias de conservação. Porém, transformar uma descoberta científica em uma política para conservação não é tarefa simples. É preciso, primeiramente, levar este conhecimento também para o público que não é cientista para mobilizá-lo em prol da ciência e da conservação da natureza. Isso é essencial para que os governantes tomem decisões acertadas. Público e cientistas precisam, portanto, estar alinhados em um diálogo de respeito aos diferentes saberes e fazeres o que, afinal, é o que proporcionará a construção do nosso conhecimento sobre a natureza.



Perereca. Fotografia de Guilherme Ferreira (PELD Turfeiras).

junho

2025

Domingo	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

JUNHO 2025

Políticas de Conservação

Não é só nos parques e nas outras áreas protegidas que a natureza deve ser conservada. Fora deles também é necessário um esforço coletivo que requer a participação ativa de comunidades e governos para a conservação da natureza.

Essa coletividade vem sendo construída na região de São Gonçalo e do Parque do Rio Preto por meio do Mosaico de Áreas Protegidas do Espinhaço: Alto Jequitinhonha - Serra do Cabral. Um Mosaico é uma ferramenta de gestão, isto é, um planejamento de ações para a conservação da natureza na região. Desse planejamento, participam comunidades, instituições e gestores das unidades de conservação.

O Mosaico do Espinhaço abrange cerca de 2 milhões de hectares, 25 municípios e integra oito unidades de conservação de proteção integral e onze de uso sustentável, e tem o objetivo de compatibilizar a presença da biodiversidade, a valorização da sociodiversidade e o desenvolvimento sustentável. A adoção de práticas sustentáveis em todas as esferas da sociedade é fundamental para garantir a conservação a longo prazo da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos essenciais para a vida no planeta.

A região de São Gonçalo do Rio Preto também está abrigada na Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço. Este é um título de reconhecimento internacional, baseado na importância da região tanto em relação à sua biodiversidade quanto aos seus aspectos culturais e históricos. A Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço foi reconhecida em 2005 e ampliada em 2015, hoje compreende 172 municípios e mais de 10 milhões de hectares do Espinhaço mineiro. Uma Reserva da Biosfera não funciona como um Parque, ao contrário deste, na Reserva da Biosfera estão estabelecidas cidades, plantios, criações e outros empreendimentos. No entanto, isto é feito com especial cuidado para equilibrar as necessidades humanas com a proteção da biodiversidade e dos ecossistemas naturais.

Fontes das Fotos:

CIRCUITOS DOS DIAMANTE. Disponível em:
<https://circuitodosdiamantes.com.br/RioPreto.aspx>

CORREIO BRASILIENSE. Disponível em: <https://encurtador.com.br/yKX12>

ECO. Disponível em: <https://ecoa.org.br/fogo-no-cerrado-quando-isso-e-bom-ou-ruim-para-a-vegetacao/>